



OLIVEIRA; ABRAHÃO, 2017
JCBS, v. 2, n.3, p. 100-106, 2017
ISSN: 2446-9661

ESTUDOS DOS HÁBITOS E COSTUMES DE ACADEMICAS DA ÁREA DE SAÚDE QUANTO AO USO DE ROUPAS ÍNTIMAS, ADORNOS GENITAIS E DEPILAÇÃO

OLIVEIRA, Daiana¹; ABRAHÃO, Dayana Pousa Siqueira²

¹Enfermeira, Hospital Mário Palmério, Uberaba (MG)

² Professor(a) Área Saúde, Faculdade de Talentos Humanos, Uberaba (MG)

Data de submissão: 3 de novembro de 2016 Aceito na versão final: 15 de janeiro de 2017.

RESUMO: Introdução: A genitália feminina possui aspectos singulares de flora, pH e anatomia que, somados aos hábitos atuais da mulher moderna, dificultam a manutenção adequada da sua homeostase. Objetivo: Investigar os hábitos e costumes de estudantes de uma faculdade particular de Uberaba/MG, quanto ao uso de roupas íntimas, adornos genitais (tatuagens e piercings) e depilação. Métodos: A pesquisa envolveu um questionário contendo 12 perguntas relacionadas aos seguintes temas: hábitos de vestimentas, adornos genitais e depilação. Resultados: Foram entrevistadas 339 alunas entre os cursos da área de saúde de uma IES do município de Uberaba. Elas apresentaram média de idade de 23,91±6,35 anos. Dentre as entrevistadas, 95,58% acham que as vestimentas podem causar problemas ginecológicos, 91,45% das estudantes usam calças justas, 64,60% das entrevistadas acham que a calcinha comprime a área genital, 96,46% concordam que a calcinha de algodão é melhor para prevenir infecções ginecológicas, 86,73% acham que a tatuagem vaginal não pode ser realizada e que é prejudicial à saúde e 1,18% apresentam tatuagem na região genital, 97,35% acham que a depilação é necessária, 99,41% realizam essa prática, 79,94% disseram fazer a depilação completa, 71,39% delas fazem uso de cremes e lubrificantes. Conclusão: Através desse estudo podemos concluir que as mulheres universitárias apresentam alguns costumes inadequados com a região genital como o uso de calças apertadas, apesar de estarem cientes de que essa prática não é adequada. Um número pequeno do grupo estudado relata fazer uso de tatuagens e piercings, mas a grande maioria também está ciente dos riscos proporcionados por essa prática. Com relação à depilação genital, quase que a totalidade das mulheres entrevistadas adotam essa prática, assim como o uso de cremes e lubrificantes.

PALAVRAS CHAVE: Genitália Feminina; Mulheres.

STUDIES OF THE HABITS AND ACADEMIC COSTS OF THE HEALTH AREA FOR THE USE OF INTIMATE CLOTHING, GENITAL ADORNINGS AND DEPILATION

ABSTRACT: Introduction: The female genitalia have unique aspects of flora, pH and anatomy, which, together with the current habits of modern women, make it difficult to maintain adequate homeostasis. **Aim:** To investigate the habits and customs of students of a private university of Uberaba / MG, on the use of underwear, genital loud (tattoos and piercings) and waxing. **Methods:** The research involved a questionnaire containing 12 questions related to the following topics: clothing habits, ornaments and genital hair removal. **Results:** We interviewed 339 students between courses of healthcare Faculty of Human Talent. They had a mean age of 23.91 (± 6.35) years. Among the respondents, 95.58% think that the garments can cause gynecological problems, 91.45% of students use tights, 64.60% of respondents think the panties compresses the genital area, 96.46% agree that the panties Cotton is better to prevent gynecological infections, 86.73% think that vaginal tattoo can not be performed and that is harmful to health and 1.18% have tattoo on the genital region, 97.35% think that the hair removal is necessary, 99.41% carry out this practice, 79.94% said do thorough waxing, 71.39% of them make use of creams and lubricants. **Conclusion:** Through this study we can conclude that college women have some inappropriate manners with the genital area as the use of tight pants, although they are aware that this practice is not appropriate. A small number of study group reports make use of tattoos and piercings, but most are also aware of the risks brought about by this practice. With regard to genital hair removal, almost all the women interviewed adopt this practice to use creams and lubricants are used by the vast majority.

KEY WORDS: Female genitalia; Women.

Correspondência para/Correspondence to:

ABRAHÃO, D.P.S. Curso de Enfermagem, Faculdade de Talentos Humanos, Avenida Tônico dos Santos, 333. CEP: 38040-000. Uberaba, MG, Brasil. Tel: +055-34-3311-9800. E-mail: dpsiqueira@factus.edu.br

INTRODUÇÃO

A genitália feminina possui aspectos singulares de flora, pH e anatomia que, somados aos hábitos atuais da mulher moderna, dificultam a manutenção adequada da sua homeostase. Essa homeostase é obtida em decorrência da complexa interação entre fatores intrínsecos (genéticos, hormonais, imunes, grau de estresse) e extrínsecos (vestimentas, hábitos de higiene, alimentação, atividade física, atividade sexual, uso de adornos genitais). Genericamente falando, os fatores intrínsecos exercem maior influência na cavidade vaginal e os extrínsecos, na área vulvar. (GIRALDO, P.C.; *et. al.* 2012).

A anatomia externa da genitália feminina é formada pelo monte de Vênus, clitóris, abertura da uretra, pequenos lábios, grandes lábios, abertura do canal vaginal, períneo e anus.

A genitália é uma região sensível, possui inúmeras dobras de peles e pelos localizada em uma região que dificulta sua aeração, atrito e ventilação. A presença de glândulas sudoríparas e sebáceas que associadas a resíduos orgânicos podem ser sede de infecção ou de alteração que promove odores, corrimento indesejável e prurido. O uso de práticas impróprias com as genitais como sexo sem camisinha, tatuagem e *piercing*, pode obter infecções recorrentes que são mais predisponentes em mulheres também podendo contrair inúmeras doenças sexualmente transmissíveis (FARAGE; LENNON; AJAYI, 2011).

O excesso ou a falta de higiene e a utilização de produtos inapropriados alteram as defesas locais, favorecendo o ataque de germes como a clamídia, protagonista de infecções pélvicas que podem comprometer a fertilidade (CARVALHO, 2005).

Considerando-se que o equilíbrio do meio vaginal é mantido por complexas interações entre a flora vaginal, os produtos do metabolismo microbiano, o estado hormonal e a resposta imune do hospedeiro, a vagina é habitada por numerosas bactérias de espécies diferentes que vivem em harmonia e que por isso são consideradas comensais, mas que podem, em situações especiais, tornarem-se patogênicas (GIRALDO *et al.*, 2013).

A bactéria *Lactobacillus sp* é predominante no meio vaginal, determinando pH ácido (3,8 a 4,5) que inibe o crescimento de várias outras bactérias que potencialmente são nocivas à mucosa vaginal (ZIMMERMANN *et al.*, 2008).

A limpeza deve se resumir ao monte púbico, à pele da vulva, à raiz das coxas, à região perianal - entre a vulva e o ânus - e ao interior dos grandes e dos pequenos lábios, os sabonetes alcalinos ou neutros não são indicados porque tornam as condições da região hostis à multiplicação dos lactobacilos que defendem a vulva. Os produtos em barra também não são uma boa opção. Além de serem muito abrasivos, são normalmente compartilhados por toda a família, o que facilita a contaminação (TOLEDO, 2010).

O excesso de gordura nas obesas promove maior maceração de células mortas e elevação na produção de suor. Portanto, elas são mais propensas a problemas na vulva e precisam reforçar os cuidados com roupas adequadas e hábitos de higiene (TOLEDO, 2010).

Uma questão sociocultural, econômica e sexual, o bem-estar da genital feminina tem sido negligenciado. Deve ser dado em conta aos hábitos relacionados ao cuidado com genital feminino no intuito de diminuir a possibilidade de infecções, evitando tratamento repetitivo e sem resultados satisfatórios. Roupas apertadas usadas por longos períodos dificulta a oxigenação tecidual pela isquemia que causam. Os piercings, provavelmente dificultam a limpeza e a remoção de restos orgânicos da área genital (ALMEIDA; 2000).

Atualmente, as tradicionais saias e vestidos foram substituídos por calças jeans, assim como as calcinhas de algodão cederam lugar aos tecidos sintéticos, comprometendo a ventilação dos genitais externos, problema que se agrava pelo uso adicional de meias-calças, entre outros. Assim como os absorventes, adornos genitais, higiene íntima e depilação, a vestimenta também pode promover alteração da flora microbiana da genital devido à umidade e à variação da temperatura, alterando o ecossistema genital e causando irritação, alergia ou corrimento indesejável. Essas alterações podem interferir na sexualidade feminina (GIRALDO *et al.*, 2009).

A ideia é responder a dúvidas referentes à frequência, ao modo correto de fazer a limpeza, aos produtos de higiene adequados, além de condutas para situações específicas (BLACK, MCKAY, 2007).

Um exemplo disso é utilizar o sabonete mais apropriado, aquele classificado como hipoalergênico na embalagem. Eles geralmente contêm ácido lático, um componente natural da pele, que confere um pH ideal (DALBERIO, 2009).

Muitas mulheres não fazem ideia quanto às melhores condutas de higiene a serem seguidas. A atividade sexual, alimentar, hormonal, emocional e de higiene, são fatores reconhecidos como importantes para poder proporcionar a satisfação desejada, ou, por outro lado, causar vários distúrbios nas genitais, especialmente após a menopausa (GIRALDO *et al.*, 2013).

Sendo que na vulva, a região púbica, e a região perianal e os sulcos crurais (raiz da coxa) deverão ser higienizados com água corrente e com produtos de higiene fazendo movimentos que evitem trazer o conteúdo perianal para a região vulvar e que atinjam todas as dobras sem exceção. Incluir os sulcos Inter labiais (entre os pequenos e grandes lábios), região retro prepucial (clitóris) não se recomenda a introdução de água e/ou outros produtos no interior da vagina (lavagens vaginais) secar cuidadosamente as áreas levadas com toalhas secas e limpas, que não agredam o epitélio da região (ÁGUAS; SILVA, 2012).

A lavagem genital deveria dar preferência aos banhos com água corrente, para favorecer a remoção mecânica das secreções. Os banhos de assento estarão indicados somente quando houver recomendação médica. Com métodos de prevenção, podem-se prevenir inúmeros problemas na genital feminina adquiridas com o passar do tempo (FARAGE; LENNON; AJAYI, 2011).

O objetivo deste estudo foi investigar e descrever os hábitos e costumes de estudantes de uma faculdade particular de Uberaba/MG, quanto ao uso de roupas íntimas, adornos genitais (tatuagens e piercings) e depilação.

MÉTODOS

Este é um estudo transversal, de caráter quantitativo no qual participaram alunas graduandas dos cursos da área de saúde da Faculdade Talentos Humanos (FACTHUS). A pesquisa envolveu um questionário que continha 12 perguntas relacionadas aos seguintes temas: hábitos de vestimentas, adornos genitais e depilação. Foi utilizado para tal, o questionário adaptado de Giraldo *et al.*, (2013). As voluntárias foram abordadas aleatoriamente em momentos de folgas das atividades acadêmicas nos refeitórios e salas de aulas, entre os meses de novembro de 2014 e março de 2015. Para maior segurança, sigilo e anonimato da participante, o questionário após ser respondido era colocado pela própria participante dentro de um envelope opaco.

Cada aluna foi instruída e recebeu um envelope, que continha um questionário e o termo de consentimento livre e esclarecido. Todas as voluntárias que aceitaram participar do estudo assinaram o termo.

Após a coleta realizou-se a elaboração completa do banco de dados no programa Microsoft Excel 2010. Os resultados foram avaliados, tabulados e apresentados em forma de tabela e porcentagem.

Este trabalho foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Talentos Humanos – CEP FACTHUS sob protocolo nº 36/2014.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram entrevistadas 339 alunas dos cursos da área de saúde da Faculdade de Talentos Humanos, sendo 88 (25,96%) do curso de Biomedicina, 154 (45,43%) de Enfermagem e 97 (28,61%) de Fisioterapia. Elas apresentaram média de idade de 23,91±6,35 anos e todas cursavam entre os primeiros e últimos anos do curso.

Os assuntos abordados na pesquisa com relação as vestimentas, adornos (piercing e tatuagens), uso de lubrificantes e tipo de depilação estão demonstrados no quadro 1 através de dados percentuais, separados por curso e também os resultados gerais.

De acordo com os resultados obtidos, essas práticas estão cada vez mais frequentes, pois, o modismo conduz os atos das pessoas.

Dentre as entrevistadas, 95,58% acham que as vestimentas podem causar problemas ginecológicos, não havendo praticamente nenhuma diferença entre os cursos estudados. Estes dados foram superiores aos encontrados por (Giraldo *et al.*, 2013), que também analisou os hábitos entre universitárias, onde 85,4% acreditam que as vestimentas podem causar problemas ginecológicos. Essa diferença se deve ao fato de que em nosso estudo, abordamos apenas alunas dos cursos da área da saúde, diferentemente de (Giraldo *et al.*, 2013), o qual entrevistou alunas de diversas áreas, demonstrando que por ser da área da saúde, nossas entrevistadas apresentam conhecimento um pouco melhor sobre o assunto.

Apesar desse conhecimento, 91,45% das estudantes usam calças justas que comprimem a região genital.

O tipo de vestimenta promove alteração da flora microbiana da região genital devido à umidade e à variação da temperatura, modificando seu ecossistema e causando irritação, alergia ou corrimento indesejável. Essas alterações podem interferir na sexualidade feminina (SCHLOSSER, 2010).

Outro fator contribuinte para estes riscos são o uso de calcinhas que comprimem a genital, entretanto, um percentual bem menor, 64,60% das entrevistadas, acham que a calcinha comprime a área genital. Boa parte das entrevistadas, 96,46%, concordam que a calcinha de algodão é melhor para prevenir infecções ginecológicas.

Observa-se com esses resultados encontrados, fatos um pouco contraditórios. Apesar de terem o conhecimento de que o tipo de vestimenta pode proporcionar alterações na área genital, as entrevistadas fazem o uso de roupas apertadas como as calças jeans.

Não foi questionado em nosso estudo se as estudantes faziam o uso de calcinhas de algodão em preferência às calcinhas sintéticas, mas nos resultados encontrados por (Giraldo *et al.* 2012), as entrevistadas disseram fazer uso de calcinha de algodão por proporcionar melhor ventilação, entretanto, também faziam o uso de calças apertadas. Dessa forma, o efeito desejável de uma é suplantado pelo efeito indesejado da outra.

A tatuagem corporal e o *body piercing*, embora correspondendo a práticas ancestrais, dificilmente escapam aos olhares dos mais atentos como elementos cada vez mais assíduos nos corpos que vislumbramos na paisagem urbana contemporânea (CAMPOS, 2011). Porém, o uso de tatuagens e *piercings* na região genital não é um costume entre as universitárias entrevistadas. Entre elas, 86,73% acham que a tatuagem vaginal não pode ser realizada e que é prejudicial à saúde e somente quatro (1,18%) apresentam tatuagem na região genital. Apesar de ser um número pequeno, este difere dos dados de (Giraldo *et al.* 2013), onde nenhuma de suas entrevistadas disseram ter tatuagem na região genital e 47,5% acreditam que não pode ser realizada.

Com relação ao uso de *piercing*, apenas uma (0,29%) relatou fazer o uso desse adorno. É sabido que o uso de *piercing* na genital feminina pode causar e contribuir para um processo infeccioso cutâneo e sistêmico. Especificamente para o *piercing*, há, ainda, prejuízo no uso de preservativos, má higiene com possibilidade de infecção e laceração (MATAIX; SILVESTRE, 2009; CRUZ *et al.*, 2010).

Apesar de ser uma prática normalmente realizada em nossa cultura, o uso de *piercings* e tatuagens entre as jovens universitárias não foi uma conduta comum, demonstrando que essas mulheres estão mais conscientes com relação aos riscos associados ao uso desses adornos, seja por serem universitárias e/ou estudantes em cursos da área da saúde.

Antigamente, acreditava-se que a depilação não poderia ser realizada, porém, atualmente, houve uma mudança dos padrões, acreditando-se que o excesso de pelos pode acumular resíduos, dificultando a higiene e, conseqüentemente, predispondo às infecções, mas nos dias atuais a maioria das mulheres realizam depilação (GIRALDO *et al.*, 2009). Em nosso estudo, 97,35% das estudantes acham que a depilação é necessária por motivo

de higiene e assepsia, ao contrário de outros estudos (GIRALDO *et al.*, 2013), onde somente 61,8% acreditam que sim. A grande maioria, 99,41% realiza essa prática visando higiene, moda ou preferência. Segundo estudos semelhantes, grande parte das entrevistadas realizam depilação e acham que a depilação é necessária onde a maioria realiza este tipo de prática diariamente onde a depilação é um método de higiene e facilita na ventilação do local. Alguns autores também acham que a depilação pode ser prejudicial dependendo do material e maneira que será realizado o procedimento, entretanto não abordamos na pesquisa o tipo material utilizado para essa prática. (CARONI, GROSSMAN, 2010).

Quando questionadas quanto ao tipo de depilação realizada, 79,94% disseram fazer a depilação completa e o restante divididos entre depilação da moda, não completa e virilha.

Com relação ao uso de produtos na região genital, observa-se que 71,39% delas fazem uso de cremes, lubrificantes e bolinhas. Por outro lado, as entrevistadas que afirmaram não fazer uso destes produtos, acham que esta

prática tira a proteção do local deixando-o mais vulnerável e predisponente ao ataque de germes e bactérias.

Comparado à outra pesquisa podemos observar que os resultados obtidos em nosso estudo são maiores em comparação com o estudo de (Silva, 2011), onde 990 mulheres com média de idade de 37 anos apresentam frequência de 24,5% no uso de lubrificantes vaginal.

Os resultados divergem devido a faixa etária das mulheres estudadas serem distintas, justificando um comportamento sexual diferente entre elas.

De forma geral, este estudo trata-se de um assunto atual e de grande importância para o conhecimento dos profissionais de saúde. Entretanto, existem poucos estudos na literatura que fazem esse tipo de abordagem, sendo necessárias mais pesquisas sobre o tema.

Em nosso estudo, a pesquisa foi direcionada para mulheres universitárias, entretanto um estudo mais abrangente, comparando outros grupos como baixa escolaridade e faixas etárias diferentes se faz necessário.

Tabela 1 – Resultados gerais e separados por curso do questionário adaptado de Giraldo *et al.*, 2013

VARIÁVEIS	BIOMEDICINA		ENFERMAGEM		FISIOTERAPIA		GERAL	
Quantidade de entrevistadas	88 (25,96%)		154 (45,43%)		97 (28,61%)		339 (100%)	
Idade	21,14±4,20		25,98±6,83		23,15±6,10		23,91±6,35	
PERGUNTAS	NÃO	SIM	NÃO	SIM	NÃO	SIM	NÃO	SIM
As vestimentas podem causar problemas ginecológicos como odores, corrimento, prurido e infecção.	4 (4,55%)	84 (95,45%)	8 (5,19%)	146 (94,81%)	3 (3,09%)	94 (96,91%)	15 (4,42%)	324 (95,58%)
Calcinhas de algodão são melhores para prevenir infecção ginecológicas do que as de outro tecido	3 (3,41%)	85 (96,59%)	5 (3,25%)	149 (96,75%)	4 (4,12%)	93 (95,88%)	12 (3,54%)	327 (96,46%)
Acha que a calcinha comprime a área genital	38 (43,18%)	50 (56,82%)	52 (33,77%)	102 (66,23%)	30 (30,93%)	77 (79,38%)	120 (35,40%)	219 (64,60%)
Costuma usar calças jeans ou calças apertadas	7 (7,95%)	81 (92,05%)	14 (9,09%)	140 (90,91%)	8 (8,25%)	89 (91,75%)	29 (8,55%)	310 (91,45%)
Possui tatuagem na genital feminina	87 (98,86%)	1 (1,14%)	152 (98,70%)	2 (1,30%)	96 (98,97%)	1 (1,03%)	335 (98,82%)	4 (1,18%)
Acha que a tatuagem na genital feminina pode ser feita ou não.	76 (86,36%)	12 (13,64%)	133 (86,36%)	21 (13,64%)	84 (86,60%)	13 (13,40%)	294 (86,73%)	45 (13,27%)
Possui <i>piercing</i> na genital feminina.	88 (100%)	0 (0,0%)	153 (99,35%)	1 (0,65%)	97 (100%)	0 (0,0%)	338 (99,71%)	1 (0,29%)
Faz depilação	0 (0,0%)	88 (100%)	0 (0,0%)	154 (100%)	2 (2,06%)	95 (97,94%)	2 (0,59%)	337 (99,41%)
Acha que a depilação é necessária	1 (1,14%)	87 (98,86%)	5 (3,25%)	149 (96,75%)	3 (3,09%)	94 (96,91%)	9 (2,65%)	330 (97,35%)
Faz algum tipo de uso de produto na genital, como cremes, bolinhas e lubrificantes.	66 (75%)	22 (25%)	104 (67,53%)	50 (32,47%)	72 (74,23%)	25 (25,77%)	242 (71,39%)	97 (28,61%)
Como a depilação é feita								
Completa	68 (77,27%)		124 (80,52%)		79 (81,44%)		271 (79,94%)	
Moda	3 (3,41%)		9 (5,84%)		4 (4,12%)		16 (4,72%)	
Não completa	12 (13,64%)		8 (5,19%)		5 (5,15%)		25 (7,37%)	
Virilha	5 (5,68%)		13 (8,44%)		9 (9,28%)		27 (7,96%)	

CONCLUSÃO

Através desse estudo podemos concluir que as mulheres universitárias apresentam alguns costumes inadequados com a região genital como o uso de calças apertadas, apesar de estarem cientes de que essa prática não é adequada.

Um número pequeno do grupo estudado relata fazer uso de tatuagens e *piercings*, somando-se ao fato de que a grande maioria está ciente dos riscos proporcionados por essa prática.

Com relação a depilação genital, quase que a totalidade das mulheres entrevistadas adotam essa prática, assim como o uso de cremes e lubrificantes.

REFERÊNCIAS

- ÁGUAS, F.; SILVA, D. P. ÁGUAS, F.; da. **Revisão dos Consensos em Infecções Vulvovaginais**. Sociedade Portuguesa de Ginecologia, 2012.
- ALMEIDA, A. B. **Higiene Feminina**. In: Halbe, HV. Tratado de ginecologia. 2. ed. São Paulo: Roca, 2000.
- ÁLVARES, C. A.; Svidzinsk, T. I. E.; Consolaro, M. E. L. Candidíase vulvovaginal: fatores predisponentes do hospedeiro e virulência das leveduras. **J. Bras. Patol. Med. Lab.**, Maringá, v. 43, n. 5, p. 319-327, 2007.
- ARAÚJO, R. S. C. Estudo da Infecção Genital por *Chlamydia trachomatis* em Adolescentes e Jovens do Sexo Feminino no Distrito Sanitário Leste do Município de Goiânia: Prevalência e Fatores de Risco. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia**, Goiás, v. 24, n. 7, p. 492, 2002.
- BARCELOS, M. R. B., *et. al.* Infecções genitais em mulheres atendidas em Unidade Básica de Saúde: prevalência e fatores de risco. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia**, Vitória, v. 30, n. 7, p. 349-354, 2008.
- BLACK, M.; MCKAY, M. **Dermatologia em Ginecologia e Obstetrícia**. 2. ed. São Paulo: Manole, 2007.
- BRASIL. Ministério de Planejamento, Orçamento e Gestão, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. **Perfil das mulheres responsáveis pelos domicílios no Brasil 2000** [Internet]. Brasília (DF), 2002. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/perfil_damulher/perfilmulheres.pdf> Acesso em: 16 de set. de 2014.
- CAMPOS, R. Marcas que demarcam. Tatuagens, *body piercing* e culturas juvenis. **Anál. Social**, n. 198, p. 184-188, 2011.
- CARONI, Mariana Malheiros; GROSSMAN, Eloisa. As marcas corporais segundo a percepção de profissionais de saúde: adorno ou estigma? **Revista Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 4, p. 1061-1070, 2012.
- CARVALHO, M. G. D. **Presença de 20% ou mais de clue cells como um critério diagnóstico de vaginose bacteriana em esfregaços de Papanicolau**. Campinas, SP, 2005. Disponível em: <<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000366465>>. Acesso em: 15 set. 2014.
- CAVALCANTE, V. L. N.; MIRANDA, A.T.; PORTUGAL, G. M. P. Rastreamento de Candidose Vaginal Durante a Prevenção do Câncer Cérvico-Uterino. **DST – J Bras. Doenças Sex. Transm.**, Belém, v. 17, n.1, p. 44-48, 2005.
- CRUZ, F.; FRIGÉRIO, R. M.; ARRUDA, L. H. F.; LAGE, D.; ZANIBONI, M. C. Reações aos diferentes pigmentos de tatuagens: relato de dois casos. **An. Bras. Dermatol.** v.85, n.5, p. 708-711, 2010.
- DALBERIO O.; DALBERIO M.C.B. **Metodologia Científica: Desafios e Caminhos**. São Paulo: Paullus, 2009.
- DICCINI, S.; NOGUEIRA, A. M. da C. Remoção do piercing no perioperatório. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 61, n. 1, p. 85-90, 2008.
- FARAGE, M. A.; LENNON, L.; AJAYI, F. Products used on female genital mucosa. **Curr Probl Dermatol.** 2011; 40:90-100.
- FERRACIN, I.; OLIVEIRA, R. M. W. de. Corrimento Vaginal: Causa, Diagnóstico e Tratamento Farmacológico. **Infarma**, Maringá, v. 17, n. 5/6, p. 82-86, 2005.
- FERRAZZA, M. H. S.H.; *et. al.* Caracterização de leveduras isoladas da vagina e sua associação com candidíase vulvovaginal em duas cidades do sul do Brasil. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia**, Maringá, v. 27, n. 2, p. 58-63, 2005.
- GIRALDO, P. C.; *et. al.* Influência da frequência de coitos vaginais e da prática de duchas higiênicas sobre o equilíbrio da microbiota vaginal. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia**; v. 25, n. 9, p. 401-406, 2012.
- GIRALDO, P.C.; *et. al.* **Guia Prático de Condutas Sobre Higiene Genital Feminina**. Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia, São Paulo, 2009.
- GIRALDO, P. C.; *et. al.* Hábitos e costumes de mulheres universitárias quanto ao uso de roupas íntimas, adornos genitais, depilação e práticas sexuais. **Rev. Bras. Ginecol. Obstet.**, v. 35, n. 9, p. 401-6, 2013.

- HEILBERG, I. P.;SCHORA, N. Abordagem Diagnóstica e Terapêutica na Infecção do Trato Urinário – ITU. **Revista Ass. Medicina Brasileira**, São Paulo, v. 49, n. 1, p. 109-116, 2003.
- KOCHE, J. C. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.
- MARTINS, A. C. S.; FERRAZ, L. M. **Atuação do Enfermeiro no Diagnóstico e no Tratamento do Herpes Genital, na Atenção Primária à Saúde**. II Congresso Virtual Brasileiro - Gestão, Educação e Promoção da Saúde, 2013.
- MATAIX, J.; SILVESTRE, J. F. Cutaneous Adverse Reactions to Tattoos and Piercings. *Actas Dermosifiliogr.*, v. 100, p. 643-56, 2009.
- MELLES, H. H. B.; *et. al.* Avaliação de parâmetros para o diagnóstico laboratorial de infecção genital feminina pela *Chlamydia trachomatis*. **Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical**, São Paulo, n. 33, v. 4, p. 355-361, 2000.
- MOREIRA, M. A. **O valor da higiene íntima infarma**, v. 17, nº 5/6, 2005.
- NAI, G. A.; *et. al.* Frequência De Gardnerella Vaginalis Em Esfregaços Vaginais De Pacientes Histerectomizadas. **Revista Ass. Medicina Brasileira**, Presidente Prudente, v. 53, n. 2, p. 165-165, 2007.
- NONNENMACHER, B.; *et. al.* Identificação do papilomavírus humano por biologia molecular em mulheres assintomáticas. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 36, n. 1, p. 95-100, 2002.
- PENELLO, A. M; *et. al.* Herpes Genital. **DST Doenças Sexualmente Transmissíveis**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 64-72, 2010.
- SILVA, B. C.; PINTO, D. da S.; FUZZI, H. T.; QUARESMA, J. A. S. Prevalência de infecção genital pelo HPV em populações urbana e rural da Amazônia Oriental Brasileira. **Caderno Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 4, p. 769-778, 2011.
- RESENDE, A. P. M., *et. al.* Prolapso genital e reabilitação do assoalho pélvico. **Revista Feminina**, São Paulo, v. 38, n. 2, 2010.
- SCHLOSSER, B. J. Contact Dermatitis of the Vulva. **Dermatol. Clin.**, v. 28, n. 4, p. 697-706, 2010.
- TOLEDO, R. A. Higiene Íntima sem Tabu: cuidados sutis e na medida certa ajudam a eliminar odores e protegem pra valer a região genital feminina de problemas sérios. **Rev. Saúde! É Vital**; v. 3, n. 6, p. 64-7, mai-abr. 2010.
- VOLOCHTCHUK, O. M.; FUJITA, E. M.; FADEL, A. P. C.; AUADA, M. P.; ALMEIDA, T.; MARINOMI, L. P. Variações do pH dos sabonetes e indicações para sua utilização na pele normal e na pele doente. **Anatomia Brasileira Dermatologia**, São Paulo, v. 12, n. 6, p. 110-115, 2000.
- ZIMMERMANN J. B. et al. Aspectos clínicos e epidemiológicos das pacientes ginecológicas atendidas no serviço de ginecologia e obstetria da Faculdade de Medicina de Barbacena. **Revista Médica de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 18, n. 8, p. 160-166, 2008.